

Tecnologia e individualismo: Um estudo de uma das relações contemporâneas entre ideologia e personalidade

JOSÉ LEON CROCHÍK (*)

A relação entre a constituição do indivíduo e a cultura, representada pela ideologia religiosa, moral e política, é discutida pela psicologia desde o início deste século. Freud (1943), através da reflexão sobre a sua experiência clínica e sobre a cultura, já indicava que a formação das neuroses associa-se com a repressão sexual e propunha para a educação a transmissão de conhecimentos sobre a sexualidade humana e a discussão sobre a moral vigente. Ao final da década de 20, Freud (1986) defende a tese de que a base individual de sustentação do ideário religioso são as necessidades psíquicas, sobretudo a de um pai protetor, de tal sorte que se a religião insiste já nos primeiros anos de vida dos indivíduos nos seus preceitos,

estabelece para o indivíduo uma forma de escapar da neurose individual através da neurose coletiva. Assim, o pai da psicanálise denunciava a cultura, de um lado, por gerar, ainda que não diretamente, a neurose individual, ao exigir que os indivíduos renunciem à sua felicidade e, de outro lado, por oferecer, no lugar dessa felicidade, uma ilusão coletiva.

Reich (1981), estabelecendo relações entre o marxismo e a psicanálise, trabalhou em sentido próximo. Segundo esse autor, à repressão político-econômica junta-se a repressão sexual, de tal forma que não basta a consciência das contradições sociais para que a crítica social possa estabelecer-se no nível individual. Em outras palavras, consciência psíquica e consciência social não coincidem, ainda que se relacionem.

Na década de 40, nos Estados Unidos da América, é desenvolvido o estudo sobre a personalidade autoritária, que é um prosseguimento dos estudos sobre autoritarismo e família do Instituto de Pesquisa Social, fundado na Alemanha, tendo na sua condução, entre outros, Theodor W. Adorno, um imigrante desse instituto. Esse estudo mostrou haver relações significantes entre configurações psíquicas e adesão a diversos tipos de ideologia: indivíduos não autoritários tenderam a defender a ideologia liberal, tal

(*) Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, do Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisador do Conselho do Desenvolvimento Nacional de Pesquisa e Tecnologia (CNPq).

Endereço profissional: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Caixa Postal 66.261, CEP 05508-900 – São Paulo – SP – Brasil.

como definida na época, e indivíduos autoritários, a ideologia conservadora. Como as correlações entre as escalas que mediam essas duas variáveis, ainda que positivas e significantes, tinham magnitudes medianas, os autores indicaram a existência de outros dois tipos de personalidade: o falso liberal – que defenderia o ideário liberal não pela sua racionalidade, mas por motivação pessoal contrária à liberdade dos outros – e o conservador genuíno – que sustentaria o ideário conservador pela sua racionalidade, não apresentando características autoritárias.

O estudo de Adorno et al. (1950) gerou nas décadas seguintes muitos outros trabalhos, mas que, segundo Carone (S/D) e Vagostello (1997), não se atinham, em boa parte, à sua hipótese central, derivada não só da psicanálise, mas também da teoria da sociedade, e, sim, ao emprego das escalas e às críticas à análise dos resultados encontrados por esses autores. Algumas pesquisas recentes (Vala et al., 1999; Pettigrew, 1999) mostraram que as variáveis estudadas pelo grupo de Berkeley continuam sendo determinantes como preditores do racismo. Como a ideologia, segundo Horkheimer e Adorno (1978), e a constituição da personalidade, conforme Adorno (1991), são variáveis que mudam ao longo do tempo, e não obstante a atualidade do estudo sobre a personalidade autoritária, há que se supor, nos nossos dias, a relação entre outro tipo de ideologia e outro tipo de configuração psíquica.

Dentro de uma perspectiva histórica, contudo, as diferenças sociais e psíquicas, entre a nossa época e a do estudo da personalidade autoritária, não implicam novas configurações social e psíquica, mas o desenvolvimento das que esses autores analisaram e criticaram, pois a sociedade se autonomiza cada vez mais em relação aos seus membros e o indivíduo vive uma regressão psíquica maior. Essa afirmação encontra a sua base na leitura de Lasch (1983), e, de certa forma, já fora sublinhada por Horkheimer e Adorno (1985), no prefácio à segunda edição de seu livro *Dialética do Esclarecimento*, em 1969. Assim, pressupomos que a ideologia substituta das ideologias liberal e conservadora e a configuração psíquica substituta da personalidade autoritária deveriam estar, em germe, presentes naquela pesquisa.

Um tipo de ideologia, o da racionalidade tecnológica, é apontada naquele estudo, embora

subjacente às ideologias examinadas: a conservadora e a liberal. Ela se apresenta em ambas. Foi descrita também por Marcuse (1981 e 1982) e por Habermas (1983). A distinção entre a ideologia da racionalidade tecnológica e essas outras reside no mascaramento que impõe a qualquer propósito político presente no desenvolvimento social, possibilitado pela aplicação da tecnologia. Dessa maneira, quer a perspectiva que apoie uma sociedade mais justa, quer aquela que insiste em manter a atual estrutura social não refletem sobre a não neutralidade da tecnologia. A idéia de progresso passa a ser inquestionável, não importando que esse progresso não esteja voltado predominantemente para interesses universais. O progresso e a tecnologia tornam-se fins em si mesmos.

Como na ideologia da racionalidade tecnológica apresenta-se a naturalização do mundo humano, as outras ideologias, mediadas por ela, têm os seus fins também naturalizados. A perspectiva que vê a história determinada unicamente pela estrutura social e não também pelo que a nega, que se converte em dogmática, e a perspectiva que não considera a história importante para balizar os valores, que se nutre do relativismo, auxiliam, segundo Horkheimer (1976), a perpetuar, na consciência humana, a petrificação do indivíduo e da sociedade. Ambos – indivíduo e sociedade –, para a ideologia da racionalidade tecnológica, só são passíveis de aperfeiçoamento técnico, mas não de alterações substanciais, o que caracteriza, segundo Adorno (1995a), a consciência reificada, resultante da introjeção individual dessa ideologia.

Essa ideologia não é independente do movimento do esclarecimento, discutido por Horkheimer e Adorno (1985), antes é produto desse movimento. Significa a vitória, talvez temporária, da razão autoconservadora sobre a emancipatória, ou melhor, a distinção entre elas com o domínio da primeira. Se a autoconservação é necessária para a manutenção do indivíduo e da sociedade, quando ela se esgota em si mesma, retira a possibilidade de uma vida que não se calque em sacrifícios. Assim, os frankfurtianos retomam o princípio freudiano de que a civilização se funda na renúncia dos desejos pulsionais, e, tal como Freud, denunciaram que o sacrifício exigido não foi compensado pela possibilidade de uma vida digna e feliz.

Se, no século passado, era possível pensar a contradição entre relações de produção e forças produtivas, na defesa da tese que o avanço dessas últimas transformaria as relações de produção, neste século, tornou-se visível que esse avanço reproduz as contradições sociais, quase que se fundindo às relações de produção, tornando-as invisíveis. A pergunta se atualmente existe o capitalismo tardio ou a sociedade industrial é respondida por Adorno (1986), que diz que a atual sociedade não é menos capitalista que aquela examinada por Marx no século passado, ou seja, as classes sociais mantêm o seu antagonismo interno, contudo, a produção industrial, que dá um ar de semelhança a tudo, não é menos notável:

«...a atual sociedade é, de acordo com o estágio de suas forças produtivas, plenamente, uma sociedade industrial. Por toda parte e para além de todas as fronteiras dos sistemas políticos, o trabalho industrial tornou-se o modelo de sociedade. Evolui para uma totalidade, porque modos de procedimento que se assemelham ao modo industrial necessariamente se expandem, por exigência econômica, também para setores da produção material, para a administração, para a esfera da distribuição e para aquela que se denomina cultura. Por outro lado, a sociedade é capitalismo em suas relações de produção» (pp. 67-68).

Apesar das diferenças em relação ao século passado, continua-se a viver em uma sociedade capitalista:

«Através de remendos e medidas particulares, as relações de produção, apenas para a sua autoconservação, continuaram a submeter a si as forças produtivas deixadas à solta. Característica marcante de nossa época é a preponderância das relações de produção sobre as forças produtivas, que, porém, há muito desdenham as relações. Que o braço estendido da humanidade alcance planetas distantes e vazios, mas que ela, em seu próprio planeta, não seja capaz de fundar uma paz duradoura, manifesta o absurdo na dire-

ção do qual se movimenta a dialética social.» (p. 70)

As forças produtivas, entre elas a tecnologia, reproduzem as relações de produção também servindo como um ‘véu tecnológico’, na expressão de Horkheimer e Adorno (1978). Reduzindo a percepção do mundo através da expansão de sua racionalidade, a visão tecnológica tende, nas diversas esferas da vida em que se apresenta, a dotar essas esferas daquela racionalidade. Como o saber técnico utiliza procedimentos operacionais na resolução de tarefas, tudo deve ser alvo da operacionalização. A política, a educação, a comunicação, a sexualidade, a família, o trabalho, são entendidos através de uma única dimensão: a da realidade existente e não através da história de sua constituição.

A ideologia da racionalidade tecnológica, porém, é mais do que um conjunto de idéias, crenças e valores, mas já se configura, segundo Marcuse (1982), como uma tendência a analisar todos os fenômenos através da razão instrumental, ou razão subjetiva, não se atendo às suas especificidades; o predomínio é a lógica do sujeito e não a do objeto, o que significa que a realidade não é entendida em seus próprios termos, mas nos do sujeito (ver Horkheimer, 1976; Adorno, 1995b). Na sua pretensa neutralidade não se dá conta da ‘natureza não conquistada’ que a acompanha: a necessidade da dominação sobre a natureza, sobre o outro e sobre si mesmo.

A racionalidade tecnológica, não obstante, não é só ideologia, e, segundo Marcuse (1982) e Habermas (1983), auxilia a consolidar a base do progresso atrelado à emancipação. A crítica romântica a ela lhe serve de complemento, pois se nela se apresenta a compulsão a classificar e analisar todos os fenômenos pelo mesmo método, valorizando o universal em detrimento do particular, a ideologia romântica faz o contrário, critica o universal e, assim, o próprio pensamento. Enquanto uma anula a experiência, algo próprio da «premonição» dos preconceituosos, a outra anula a reflexão, que é a ação necessária para que o indivíduo possa se diferenciar; se a ideologia romântica tem um ímpeto libertador, encaminha-se no sentido contrário.

Se a ideologia básica se alterou, a configuração básica de personalidade que lhe dá sustentação individual também deve ter se alterado, e é

hipótese deste trabalho que se calca em características narcisistas, mais fortemente do que no passado. Essas características estão presentes no tipo manipulador, descrito por Adorno et al. (1950) no estudo sobre a personalidade autoritária, e em outros de seus textos (1991 e 1995a). Dizem respeito, conforme Adorno (1991), à tendência regressiva à qual alguns indivíduos se encaminham para poder sobreviver. O narcisista, contrariando o ideal de indivíduo autônomo, defendido pelo liberalismo, deixa de ser dono de seu destino, embora à sua consciência lhe pareça o contrário:

«La configuración de la energía pulsional en que se apoya el yo – según el tipo analítico freudiano – cuando llega a dar el paso hasta el sumo sacrificio, el de la conciencia misma, es el narcisismo. Apuntan a él con una fuerza probatoria incontrovertible todos los hallazgos de la Psicología social referentes a las regresiones predominantes en la actualidad, en las que el yo se niega y al mismo tiempo se endurece de una forma irracional y falsa.» (1991, pp. 183-184)

Em seu texto *Tipos Libidinais* (1974b), Freud apresenta as seguintes características do narcisista: 1- Não apresenta tensão entre o ego e o superego, obstando o surgimento do sentimento de culpa; 2- Tende a assumir a posição de líder; 3- O seu interesse principal é o da autoconservação, não apresentando preponderância de necessidades eróticas; 4- Apresenta independência, não submetendo-se à intimidação; possui grande quantidade de agressividade à sua disposição e gosta de impressionar os outros como «personalidade». A retirada de seu interesse, relacionado à libido, do mundo, voltando-o para o próprio eu, impede-o de estabelecer relações amorosas com outras pessoas.

Dos três agentes psíquicos, segundo Freud (1974b), o ego teria maior relêvo nesse quadro. Descreveu dois outros tipos psicológicos, além do narcisista: em um deles os desejos do id são predominantes, em outro, há a predominância do superego. O tipo ideal, segundo o pai da psicanálise, seria uma combinação desses três tipos. Assim, poderíamos caracterizar o narcisista pela predominância do ego que se submeteria como objeto de desejo ao id e não sofreria sanções do

superego. No caso da melancolia, o ideal de ego assumiria o lugar do ego, e esse seria convertido no objeto, o que seria propício para explicar o sentimento de inadequação presente no narcisismo, conforme discutiremos a seguir.

Um problema presente na discussão sobre o narcisismo aparece nos estudos psicométricos sobre escalas construídas para mensurá-lo: a distinção de alguns fatores do narcisismo relacionados ao desajustamento individual de outros fatores associados ao ajustamento. Watson e Biderman (1993) apresentam alguns dados: «Correlations with numerous measures including depression have led to the conclusion that Authority, Self-Sufficiency, Superiority, and Vanity are less maladjusted, whereas Entitlement, Exploitativeness, and Exhibitionism are more pathological» (p. 44). Esses fatores pertencem ao Narcissistic Personality Inventory (NPI), construído por Raskin e Hall (1979), que afirmam, assim como Mullins e Kopelman (1988), calcados em Freud, que há um contínuo entre normalidade e anormalidade.

Uma outra questão associada a essa é discutida por Mullins e Kopelman (1988) que, ao fazerem uma análise de correlações e uma análise fatorial considerando quatro escalas sobre o narcisismo, entre elas a citada acima – NPI –, verificaram que essa escala não se correlaciona com as outras três, o que é confirmado por terem encontrado o primeiro fator composto unicamente por itens dela. Outro dos fatores, avaliado pelas outras três escalas, intitulado de «Sentimento de inadequação, infelicidade e preocupação», não se encontrava na definição dada ao narcisismo pela American Psychiatric Association, em 1980, e nem entre os fatores do NPI. Assim, na área dos estudos psicométricos do narcisismo, a tendência é se considerar que, embora universais, os fatores subjacentes ao narcisismo podem estar mais ou menos presentes nos indivíduos, e que alguns desses fatores associam-se ao mau ajustamento, mas ainda parece não haver acordo sobre quais seriam os fatores que compõem esse fenômeno.

Como para Freud, o narcisismo é delimitado pelo movimento da libido, o que o caracterizaria é a predominância do ego como objeto de amor em relação aos demais objetos. Dessa forma, quer as características de engrandecimento do eu, quer as de sentimentos de inadequação se-

riam universais, mas para delimitarem o narcisismo, devem ser interpretadas à luz daquele movimento. Assim, a predominância dessas características poderia delimitar uma personalidade como narcisista ou não. Mais do que isso, seria a combinação desses elementos com outros da dinâmica psíquica que poderia configurar esse quadro.

Diversas características do narcisista arroladas por Raskin e Terry (1988) – orientação defensiva, considerar-se privilegiado, onipotência, intolerância à crítica, entre outras – são comuns a alguns dos tipos de personalidade autoritária, descritos por Adorno et al. (1950); além disso, deve-se acentuar a relação que Adorno (1991) estabelece entre o narcisismo, como qualquer outra configuração psíquica, com as necessidades sociais. Nesse sentido, o trabalho de Lasch (1983) evidencia, com detalhes, a relação entre a sociedade consumista, especular, e o tipo narcisista. Falta a essa caracterização, contudo, a distinção feita por Green (1988) entre narcisismo de vida e narcisismo de morte; o primeiro refere-se à constituição do eu, o último, à busca da ausência de tensão, na sua terminologia, a busca do neutro: «O Neutro ergue-se então de toda sua altura, desafiando o pensamento. Tudo se complica quando temos que tomar consciência de que o Neutro é também a realidade indiferente à agitação das paixões humanas.» (pp. 26-27). O sentido do Neutro contrapõe-se à busca do Um, do eu idêntico. Neste, aparece o desejo do eu; no Neutro, o desejo do nada, da ausência de vida.

A busca, no narcisismo, de um estado independente das paixões, sublinhado por Green (1988), e anteriormente enfatizado por Freud (1986), parece se associar com a neutralidade suposta pela ideologia da racionalidade tecnológica. Dessa forma, esse tipo de pensamento, que tenta iludir o sofrimento e as contradições da realidade, pode contemplar o desejo narcisista de se julgar independente do mundo, e assim do sofrimento que esse provoca. Isso sugere que o fenômeno do narcisismo não pode ser examinado somente pela perspectiva psicanalítica e nem tampouco prescindir dela.

O aperfeiçoamento técnico, cada vez maior, da sociedade industrial e a sua crescente autonomização em relação aos interesses individuais têm gerado o sentimento de impotência individual frente à possibilidade de ser dono de seu

próprio destino, que por sua vez pode ser compensado pelas defesas narcisistas. Essas visariam responder à sensação de incapacidade de os homens poderem modificar a sociedade que lhes gera sofrimento, ao exigir a renúncia pulsional sem oferecer nenhuma compensação para a felicidade individual.

Se o progresso, permeado pelo desenvolvimento da tecnologia, não tem se voltado para interesses universais, mas aos interesses do capital, as exigências para a autoconservação individual continuam a estar presentes, obrigando ainda a renúncias individuais, quando seria de se esperar que à medida que a tecnologia avançasse a vida se tornasse mais fácil, exigisse menos sacrifícios. Frente a essas exigências e ao sofrimento por elas acarretado, o indivíduo tenderia a se voltar, cada vez mais, para si, tentando mitigar o seu sentimento de impotência. Assim, um dos objetivos desta pesquisa é o de verificar empiricamente se há relação significativa entre a adesão à ideologia da racionalidade tecnológica e características narcisistas de personalidade, tendo como pressuposto que essa relação seja o aprofundamento da obtida por Adorno et al. (1950), em seu estudo sobre a personalidade autoritária, entre a adesão à ideologia política-econômica conservadora e tendências fascistas de personalidade, avaliadas pela escala F.

Se esse pressuposto for verdadeiro, aliado ao progresso obtido no tempo que separa esta pesquisa da realizada por Adorno et al. (1950) – quase meio século –, foram geradas também regressões aos níveis social e psíquico. A sociedade, permeada pela ideologia da racionalidade tecnológica, que oculta o aprisionamento das forças produtivas às relações de produção existentes, exige cada vez mais sacrifícios individuais, quando seria de se esperar o contrário, ou seja, que pudesse haver mais tempo livre para viver a vida como um fim em si mesmo, como defende Marcuse (1981), e não dedicada a um trabalho sem sentido para o indivíduo. O narcisismo, por sua vez, é uma configuração psíquica mais regredida do que a do sadomasoquista - que segundo Rouanet (1989) corresponde ao pseudo-conservador avaliado pela escala F – pela tentativa de romper com as relações objetais. Se essa dupla regressão ocorreu, deve-se esperar relações entre, de um lado, as características sadomasoquistas, avaliadas pela escala F e, de outro,

a adesão à ideologia da racionalidade tecnológica e as características narcisistas de personalidade, e que essas relações sejam de menor magnitude que a existente entre a adesão à ideologia da racionalidade tecnológica e as características narcisistas de personalidade, pois temos como hipótese que essas últimas têm substituído aquelas estudadas por Adorno et al. (1950). Verificar essas relações constitui-se em outro objetivo desta pesquisa.

Como se pressupõe que as variáveis – ideologia da racionalidade tecnológica e narcisismo – tenham, cada uma, diversos fatores, um terceiro objetivo deste estudo é o de analisar cada uma delas quanto à sua estrutura fatorial.

1. MÉTODO

1.1. *Sujeitos*

Os sujeitos desta pesquisa são primeiro-anistas de cursos da Universidade de São Paulo. Foram feitas duas coletas de dados dos alunos do curso de enfermagem, uma em 1996 e outra em 1997, obtendo-se respectivamente amostras de 39 e 43 sujeitos. Outras duas amostras foram obtidas, em 1997, no curso de Psicologia – 62 sujeitos – e no curso de Fonoaudiologia – 18 sujeitos. Ao todo, fizeram parte da pesquisa 162 sujeitos. A idade média dos sujeitos foi a de 21 anos, com desvio padrão de 2 anos. Com exceção da amostra da psicologia, que continha sujeitos de ambos os sexos (20 sujeitos do sexo masculino e 42 sujeitos do sexo feminino), as demais eram compostas unicamente de sujeitos do sexo feminino. Nessa amostra, não houve diferenças significantes entre os dois sexos em relação aos escores obtidos nas duas escalas construídas (que serão descritas mais à frente): escala da ideologia da racionalidade tecnológica ($t = 0,51$, 60 g. l. e $p < 0,01$) e escala de características narcisistas de personalidade ($t = 0,95$, 60 g. l. e $p < 0,01$), razão pela qual foi possível analisá-los conjuntamente.

1.2. *Material e Procedimento*

Para verificar os objetivos desta pesquisa, foram construídas duas escalas com itens tipo Li-

kert: a escala da ideologia da racionalidade tecnológica (escala I) e a escala de características narcisistas de personalidade (escala N); cada item tem seis alternativas de resposta – discordância total (1 ponto), discordância moderada (2 pontos), leve discordância (3 pontos), leve concordância (5 pontos), concordância moderada (6 pontos) e concordância total (7 pontos); quanto maior for a pontuação, maior, respectivamente, a adesão à ideologia da racionalidade tecnológica e maior o número de características narcisistas de personalidade. Inicialmente a escala da ideologia da racionalidade tecnológica tinha 46 itens e a escala de características narcisistas de personalidade, 42 itens. Após serem aplicadas aos sujeitos, selecionamos 20 itens de cada uma delas que melhor seguiram os seguintes critérios: 1- média entre 2,0 e 6,0 pontos; 2- desvio padrão superior a um ponto; 3- correlações significantes, ao nível de 0,01, entre o item e o escore total da escala. Todos os itens escolhidos para este estudo seguiram esses critérios, além disso, mostraram ter estabilidade temporal, verificada em duas aplicações feitas a 49 sujeitos, no intervalo de três semanas, nas quais os itens escolhidos para a presente pesquisa obtiveram correlações significantes, ao nível de 0,01, entre os escores obtidos nessas duas aplicações. Para as escalas, com o número de itens original, obtivemos os seguintes resultados relativos à estabilidade temporal: escala I: 0,90; escala N: 0,94. No que se refere às medidas de coerência interna, avaliadas pelo Alpha de Cronbach, os resultados foram: escala I: 0,92; e escala N: 0,91.

O conceito de ideologia da racionalidade tecnológica e a elaboração dos itens da escala que avaliou a adesão a essa ideologia tiveram como base os textos de Adorno (1972, 1991, 1995a e 1995c), Horkheimer e Adorno (1985), Marcuse (1981 e 1982) e Habermas (1983). Já o conceito de narcisismo baseou-se em alguns trabalhos dos frankfurtianos (Adorno, 1969, 1991; Marcuse, 1981 e 1982), em alguns textos de Freud (1974a, 1974b, 1986), nos textos de Lasch (1983), de Green (1988) e de Costa (1984).

A ideologia da racionalidade tecnológica traz como paradigma a razão subjetiva ou instrumental, tal como a define Horkheimer (1976), e se expressa na ciência positivista e na técnica, que desde o século passado, segundo Marx (1984), já contribuía para a substituição de mão-de-

obra viva pelas máquinas. O que rege essa ideologia é a lógica formal ou lógica da identidade, que abstrai de diversos particulares os seus elementos comuns em busca da classificação, ordenação, quantificação etc. A ausência das contradições e a tendência a sistematizar os fatos são características dessa ideologia. A realidade tal como pode ser captada é tida como o referente último, sem se perguntar pela sua gênese e potencialidades de transformação; ela é naturalizada e eternizada; disso resulta um hiper-realismo que se alia com a busca pragmática dos resultados, e a percepção imediata passa a se destacar da realidade como a sua verdade. A ênfase na competência e, portanto, na solução dos problemas imediatos, passa a ser a tônica para a adaptação ao mundo atual. Assim, os problemas políticos tornam-se problemas administrativos; os problemas sexuais disfunções que apontam para falhas do desempenho individual; as questões educacionais tornam-se falhas do sistema de ensino ou do aprendiz; os problemas econômicos convertem-se em falhas do sistema; os problemas familiares são reduzidos à psicologia; os valores se conformam à realidade estabelecida, não são refletidos, a não ser pelo grau de adaptação que permitem; o lazer e o trabalho devem ser organizados tendo em vista a perpetuação do existente.

Para a construção da escala de características narcisistas da personalidade, elaborada em conjunto com Maria de Fátima Severiano, os itens foram apresentados na primeira pessoa do singular, para que os sujeitos pudessem se posicionar mais diretamente frente a eles. Algumas questões apresentam a idéia do tempo; se o narcisismo tende a abolir a noção do tempo, o presente deve ser mais valorizado do que o passado e o futuro; de forma similar, a morte deve ser negada, assim como a velhice ou tudo aquilo que possa implicar mudança. Outras questões apresentam a valorização do corpo saudável, a afirmação da aparência, posto que para o narcisista a apreciação dos outros é importante. Outras dizem respeito aos seguintes temas: relacionamentos superficiais; o consumo desenfreado, que indica uma tentativa de resposta ao sentimento de vazio interior; a necessidade de modelos, ensejada pela ausência de um eu bem estabelecido; e sentimentos de inadequação e insatisfação.

Para o cumprimento dos objetivos desta pesquisa utilizamos também a escala F. Foi aplicada à amostra da psicologia (62 sujeitos) e a uma das amostras da enfermagem (43 sujeitos). Os dados de precisão e validade sobre a Escala F são apresentados no estudo sobre a personalidade autoritária. Pesquisas das últimas décadas (Rofé & Weller, 1981; Stankov, 1977) têm utilizado essa escala, ampliando a sua validade.

Adotamos a última configuração da Escala F (forma 40/45) formulada e testada por seus autores. Ela foi traduzida para o português, mas não precisou ser adaptada, pois quase todos os seus itens fazem sentido para a nossa cultura. O item 22 'It is best to use some prewar authorities in Germany to keep order and prevent chaos' não foi utilizado por requerer conhecimento histórico que lhe dê sentido. Assim, a escala compôs-se de 28 itens.

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para se conhecer a estrutura fatorial das escalas utilizou-se a análise fatorial em componentes principais, com rotação Varimax. O número de fatores extraído seguiu o critério da magnitude dos 'eigenvalues', que foram sempre maiores do que 1,0. A carga fatorial foi considerada significativa de acordo com o tamanho da amostra (Hair et al., 1995, p. 385), no caso, igual ou maior do que 0,45. As matrizes iniciais das análises fatoriais foram compostas pelos coeficientes de correlação de Pearson. Para se saber a relação entre os escores das escalas, empregou-se também o coeficiente de correlação de Pearson.

A análise e discussão dos resultados serão expostas na seguinte ordem: análise fatorial da escala I; análise fatorial da escala N; e análise das correlações entre as escalas.

2.1. *Análise Fatorial da Escala da Ideologia da Racionalidade Tecnológica (Escala I)*

A análise fatorial dos 20 itens dessa escala ($KMO=0.74$ e Teste de esfericidade de Bartlett=423,28, $p<0,001$) resultou em cinco fatores que congregaram 14 itens, pois um deles foi retirado pela medida de adequação da amostra, quatro por terem baixa comunalidade e um por ser o único a representar o que seria o sexto fa-

TABELA 1
Média, desvio padrão, correlação entre o fator e a escala I, alpha de Cronbach e porcentagem da variância explicada dos fatores da escala I

Fator	Média	Desvio	Correlação	Alpha	% Variância
Pragmatismo	3.64	1.50	.79**	.70	24.0
Normalização	3.58	1.60	.69**	.53	10.5
Sistematização	5.09	1.44	.56**	.39	7.9
Aparência	3.62	1.35	.64**	.43	7.4
Moralismo	4.45	1.71	.58**	.41	6.9
Escala I	3.95	1.01	—	.76	56.7

**p<0.01

tor. Estabelecidos os escores para cada um dos cinco fatores, através da soma dos escores obtidos nos itens que obtiveram carga fatorial satisfatória de acordo com o tamanho da amostra (igual ou maior a 0,45), aplicamos outra análise fatorial que resultou em um único fator, do que deduzimos que todos eles avaliam uma mesma medida: a ideologia da racionalidade tecnológica.

A Tabela 1 apresenta em relação a cada fator obtido: a média, o desvio padrão, a correlação com o escore obtido na escala composta por esses fatores (14 itens), o alpha de Cronbach e a porcentagem da variância total.

Lembrando-se que o escore varia de um a sete pontos e que quanto maior o escore maior a adesão à ideologia da racionalidade tecnológica, pode-se verificar pela Tabela 1 que o escore total foi próximo ao ponto médio da escala, e que o fator denominado 'sistematização' foi o que apresentou maior escore seguido pelo de 'moralismo', os outros três ficaram com médias abaixo do ponto médio da escala. As correlações entre os escores fatoriais e a escala foram todas significantes ao nível de 0,01. O alpha de Cronbach obtido pelos fatores 'sistematização', 'aparência' e 'moralismo' estão abaixo do que seria desejável. O total de variância explicada foi de 56,7%. Ainda que não apresentados na tabela, deve-se ressaltar que, entre os 14 itens examinados, a menor média obtida foi 2,86 e a maior 5,68; o menor desvio padrão foi 1,75 e o maior 2,07; a

menor correlação entre um item e o escore da escala, composta pelos fatores, foi 0,37 e a maior 0,61, sendo que todas as correlações item-teste foram significantes ao nível de 0,01.

A seguir descreveremos cada um dos fatores obtidos, considerando o conteúdo que expressam; a análise será feita tendo em vista o significado da concordância dos sujeitos com os itens, deixando implícito o significado da discordância. Todos os itens tiveram carga fatorial significativa em um único fator.

O primeiro fator foi denominado de 'pragmatismo' e é constituído pelos seguintes itens, com a respectiva carga fatorial, explicitada entre parêntesis: 'Com os recursos científicos e tecnológicos de hoje somos mais livres que antigamente.' (0,84); 'Com os recursos científicos e tecnológicos de hoje somos mais felizes que antigamente.' (0,71); 'A realização profissional deve ser avaliada, principalmente, pela produtividade.' (0,59); e 'Se a pena de morte diminuir a criminalidade, ela deve ser aprovada' (0,49). O progresso, representado pela ciência e pela técnica, não parece ser questionado em relação aos custos sociais e à desigualdade social, ou seja, não se considera que o progresso das relações sociais não acompanhou, como deveria, o progresso técnico e científico, tal como discutimos na introdução deste trabalho, à luz do pensamento de Adorno. A desvalorização da satisfação pessoal e da determinação social sobre o comportamento individual, presente nos dois outros itens, parece

confirmar a idéia de que o progresso de meio se converteu em fim e a de que é o resultado que importa, independente dos sacrifícios necessários para alcançá-lo. Na realização profissional, a satisfação gerada pela própria atividade e por anseios pessoais é desvalorizada frente à produção, além do que parece não importar o que se está produzindo, lembrando o operário que constrói o trem que levará as vítimas para Auschwitz, sem se importar com isso, mas apenas com a tarefa bem realizada (ver Adorno, 1995a). No último item, o pragmatismo se evidencia; não importam as injustiças que possam ser feitas através da pena de morte, mas a sua eficácia. Em suma, o progresso, o trabalho, o combate à violência devem ser avaliados, principalmente, por seus resultados, não importando se acarretam, ou não, mais desenvolvimento e justiça sociais e as conseqüências sobre os indivíduos. Claro que a concordância com os dois primeiros itens poderia ter outros significados, mas analisada em conjunto com os dois últimos itens levou-nos a pensar que é a produtividade associada à resolução de problemas imediatos que está em questão.

O segundo fator, nomeado de ‘normalização’, constitui-se de três itens: ‘Seria importante que o homossexual tivesse um acompanhamento psicológico para poder rever a sua escolha sexual.’ (0,69); ‘Um filho de pais separados terá mais problemas emocionais, que um filho que tem pais que vivem juntos.’ (0,68); e ‘Os linchamentos devem ser entendidos, principalmente, pelo descrédito da polícia e da justiça.’ (0,61). O conteúdo de seus itens, sobretudo o dos dois primeiros, parece estar associado com uma visão normal de diversos fenômenos. Assim, o homossexualismo é um problema de desvio psicológico, a família tradicional permitiria melhores condições para o desenvolvimento emocional do indivíduo e a justiça imediata – presente nos linchamentos – seria devida a falhas de instituições sociais, sem alusão às características individuais presentes na nossa sociedade de massas, que permitem a satisfação de desejos regredidos como a crueldade por exemplo, e sem pensar que as falhas da justiça e da polícia são próprias de uma sociedade contraditória; quase que se poderia afirmar que a concordância com esse último item seria uma defesa do linchamento, se assim for, menos do que falhas das instituições o que

está em questão é a eliminação daquele que delinuiu, ou seja, não se conformou às normas. Enfim é pensado o funcionamento normal, usual, das pessoas, mas não as dificuldades individuais de adaptação a uma sociedade contraditória. O que as leva a agir de maneira ‘anormal’ parece não estar em questão, ou não são perceptíveis à consciência.

O terceiro fator, composto de dois itens, foi denominado ‘sistematização’: ‘O político deve ter boa formação escolar para representar nossos ideais culturais.’ (0,79); e ‘A violência atual decorre, principalmente, do fato da impunidade ser muito grande.’ (0,57). A sociedade atual parece ser concebida como a melhor possível, mas passível de aprimoração, tal como apregoava o ideário liberal. Ela é entendida como um sistema, o que permite atribuir a especificação e funcionamento de cada uma de suas partes e uma visão imediatista. Se cada parte do sistema social deve funcionar adequadamente, o político deve ser preparado pela escola, atrelando a ele a idéia da competência, sendo que a idéia de representante de interesses de setores sociais aos quais se vincula parece ser menos importante; a violência é falha da instituição policial e da justiça e não parece ser devida a problemas sociais. A impunidade é percebida como causa e não como efeito que retroage sobre a causa. A sistematização parece associada com a normalização, presente no fator anterior, ainda que a correlação obtida entre eles seja a de 0,20, significativa a 0,01, mas de baixa magnitude. Pode-se diferenciar os dois fatores, argumentando-se que o referente à normalização dá ênfase ao que seria necessário para evitar os desajustes individuais e o da sistematização, às falhas institucionais. Deve-se lembrar também que o terceiro fator teve um alpha de Cronbach baixo.

O quarto fator – ‘aparência’ – é composto dos seguintes itens: ‘As telenovelas são boas quando apresentam personagens que são facilmente identificáveis no cotidiano.’ (0,71); ‘Seria um ato de benevolência se a nossa cultura pensasse meios de execução indolor para os criminosos’ (0,61); e ‘Os pais devem mostrar carinho pelos filhos, mesmo que não seja espontâneo.’ (0,55). A dificuldade de pensar além do visível, o falso humanismo, que não pensa na injustiça da pena de morte, e a concordância com a falsa demonstração de afeto parecem corresponder a uma

atitude de preservação do existente, sem nenhuma visualização de alteração social possível, tendo um cariz de humanismo, humanismo esse que, segundo Marx (1978), é contraditório à estrutura do capitalismo. Se o mundo existente é considerado inevitável, cabe, ao que parece, dar-lhe uma melhor aparência. É uma atitude próxima ao cinismo.

O último fator é composto por dois itens e foi nomeado de 'moralismo'. Os itens que o compõem são: 'O adultério mostra a imaturidade do adulto.' (0,75); e 'As prostitutas deveriam ter atendimento psicológico e reeducação para terem melhor encaminhamento na vida.' (0,63). As 'escolhas' sexuais são pensadas à luz da imaturidade, mas, nesse caso, diferentemente do fator normalização, parecem mais associadas às falhas morais do que psicológicas. O fato de o item sobre a homossexualidade, formulado de maneira semelhante ao das prostitutas, não pertencer a esse fator, levou a pensar que está mais associado à percepção de problemas de desenvolvimento individual do que de julgamento moral. Isto é, os problemas referentes ao homossexualismo parecem ser entendidos, principalmente, como de ordem emocional, afetiva, e os de infidelidade e prostituição, como de ordem moral. Um e outro, não obstante, não consideram as determinações sociais sobre os comportamentos individuais.

Em síntese, os cinco fatores da escala da ideologia da racionalidade tecnológica caracterizam-na pelo pragmatismo, pela normalização dos comportamentos individuais, pela crítica às falhas sistemáticas das instituições, pela aparência e pelo moralismo. Todos fazem abstração quer das contradições sociais, quer dos conflitos e necessidades individuais. Os fatores aparência e pragmatismo evocam a adaptação imediata à sociedade existente, sem críticas, ou seja, implicam o conformismo; os fatores sistematização, normalização e moralismo apontam para falhas nas instituições e nos indivíduos, ou seja, à má adaptação desses. Segundo essa visão, ao que parece, se as instituições fossem aperfeiçoadas e os indivíduos bem formados por elas, os problemas individuais e sociais seriam corrigidos; não há a crítica às contradições sociais e nem a compreensão que os conflitos, os desajustes, individuais são derivados delas, ainda que

com elas não se identifiquem, segundo Adorno (1991).

2.2. *Análise fatorial da escala de características narcisistas de personalidade (Escala N)*

Da análise fatorial dos 20 itens da escala de características narcisistas de personalidade (KMO=0.77 e Teste de esfericidade de Bartlett=662,23; $p<0.001$), foram obtidos seis fatores. Dois itens foram eliminados por terem baixas comunicações, um por não apresentar carga fatorial considerada adequada em nenhum fator e um outro por ser o único a representar o que seria o sétimo fator. O terceiro item do fator 2 teve carga fatorial significativa também no fator 1 (0,46), ainda que menor do que a obtida no fator 2 (0,57); optamos por preservá-lo e interpretá-lo somente nesse último fator. Os seis fatores obtidos foram submetidos a outra análise fatorial, resultando em um único fator de segunda ordem, que supomos ser referente às características narcisistas da personalidade.

A Tabela 2 apresenta em relação a cada fator obtido: a média, o desvio padrão, a correlação com o escore obtido na escala composta por esses fatores (16 itens), o alpha de Cronbach e a porcentagem da variância total.

Como pode se verificar pelos dados da Tabela 2, o escore médio da escala esteve abaixo do ponto médio (4 pontos). A pontuação mais baixa foi obtida nos fatores nomeados de 'ausência de projetos' e no de 'inadequação'. Todas as correlações entre os fatores e o escore total da escala N foram significantes ao nível de 0,01. Os alphas de Cronbach obtidos são, em geral, razoáveis tendo em vista o número de itens de cada fator. A porcentagem de variância explicada pelos seis fatores é de 59,1%. Ainda que não apresentados na tabela, deve-se ressaltar que para esses 16 itens a menor média foi 2,30 e a maior 4,60; o menor desvio padrão foi 1,50 e o maior 2,25; e que as correlações entre cada item e o escore composto pela soma dos itens variaram entre 0,33 e 0,61, sendo todas significantes ao nível de 0,01. A seguir analisaremos o conteúdo de cada um dos fatores da escala N.

O primeiro fator, denominado de 'prestígio', é composto de três itens: 'Para alcançar prestígio e sucesso social trato de minha aparência física de

TABELA 2
Média, desvio padrão, correlação entre o fator e a escala N, alpha de Cronbach e porcentagem da variância explicada dos fatores da escala N

Fator	Média	Desvio	Correlação	Alpha	% Variância
Prestígio	3.40	1.32	.69**	.57	22.8
Imagem	3.91	1.51	.69**	.57	10.0
Autopreservação	3.68	1.52	.71**	.58	7.2
Individualismo	4.07	1.38	.66**	.49	7.0
Inadequação	3.27	1.68	.48**	.52	6.5
Ausência de Projetos	2.86	1.59	.47**	.50	5.6
Escala N	3.59	0.93	—	.79	59.1

**p<0.01

acordo com a última moda.’ (0,75); ‘Sinto-me bem na companhia de pessoas influentes.’ (0,68); e ‘Não suporto receber críticas.’ (0,49). O conteúdo dos três itens parece indicar a necessidade de ser valorizado pelos outros. As idéias de uma sociedade hierárquica e de não poder cometer falhas parecem também estar presentes. Procura-se seguir as normas e os valores estabelecidos, o que configura um certo conformismo; contudo, o receio de ser avaliado pode indicar uma certa fragilidade do eu que não parece ter condições de avaliar a crítica alheia, o que abrigaria também, possivelmente, a fragilidade da auto-reflexão. O conteúdo desse fator parece estar associado com o que foi denominado de ‘authority’, no Narcissistic Personality Inventory (ver Raskin & Terry, 1988).

O fator seguinte – ‘imagem’ – contém os seguintes itens: ‘Tenho dificuldades em expressar sentimentos que envolvam meus conflitos e sofrimentos.’ (0,73); ‘Tenho uma admiração incondicional pelos meus superiores.’ (0,66); e ‘Sinto-me verdadeiramente livre quando posso gastar comprando as coisas que desejo.’ (0,57). Os itens parecem indicar a necessidade de manutenção de uma ordem hierárquica sem conflitos e a possibilidade de o indivíduo receber do mundo o que deseja através do consumo. Parecem se unir, nesse fator, a necessidade ligada à fase anal, descrita por Freud (1973), de preservar o mundo das

pulsões agressivas e a relacionada à fase oral de incorporação sem limites dos objetos de desejo. Ao mesmo tempo, o conteúdo desses itens parece indicar a manutenção de uma imagem de pessoa forte que não corresponde necessariamente ao que se é; além disso, parece revelar também a dificuldade de reflexão tanto em relação a si mesmo quanto aos outros, o que levaria à submissão ao mundo existente. Tal como o outro fator, implicaria certa fragilidade egóica.

O terceiro fator foi denominado de ‘autopreservação’ e é representado pelos seguintes itens: ‘Geralmente, sinto-me frustrado(a) por não conseguir o controle de minha forma física.’ (0,75); ‘Considero prioritário cuidar bem do meu corpo através de exercícios físicos.’ (0,70); e ‘Pensar que um dia envelhecerei me causa pavor.’ (0,49). São itens relacionados ao controle do corpo e à tentativa de preservar-se jovem e saudável. Tal como Lasch (1983) acentua, com base em Kernberg, para o narcisista, o tempo deve ser evitado e a idéia de manutenção de um corpo bonito e saudável parece colaborar com isso. Em suas palavras: «Em uma sociedade que tem horror à velhice e à morte, o envelhecimento implica um terror especial para os que temem a dependência e cuja auto-estima requer a admiração geralmente reservada à juventude, à beleza, à celebridade ou ao encanto pessoal» (p. 66). Menos que ao fator vaidade, presente no NPI, o apego ao corpo

parece estar associado ao desespero relacionado a ter de depender dos outros e não poder ser mais admirado pela beleza e jovialidade.

O quarto fator – ‘individualismo’ – é composto dos seguintes itens: ‘Considero-me, geralmente, auto-suficiente.’ (0,81); ‘Busco incansavelmente o sucesso.’ (0,59); e ‘Considero que alguns produtos evidenciam mais a minha personalidade.’ (0,48). Os itens parecem apontar a idéia de independência e força pessoal, a necessidade de se destacar dos outros, não necessariamente por características próprias, mas pelo que é valorizado socialmente – o sucesso. Tal como no fator anterior, a idéia de negar a dependência dos outros e poder se bastar a si mesmo – a independência do sofrimento provocado pelo mundo, segundo Freud (1986) – parece estar presente, mas enquanto aquele se referia ao tempo, esse se refere à força pessoal. Esse fator tem conteúdo similar ao denominado de ‘auto-suficiência’ no NPI. Parece, contudo, indicar também o desejo de ser único, que descreve Green (1988), e, assim, além da auto-suficiência, tem-se o individualismo.

O penúltimo fator – ‘inadequação’ – apresenta dois itens: ‘É difícil eu encontrar satisfação.’ (0,85); e ‘Frequentemente sinto-me estranhamente inadequado como se não pertencesse a lugar ou grupo algum.’ (0,61). O conteúdo desses itens parece significar um sentimento de estranhamento, de não estar nunca bem. Parece ilustrar o narcisismo de morte descrito por Green (1988), mas também as queixas do melancólico que, segundo Freud (1974a), lamenta-se constantemente pela perda de um objeto que não sabe muito bem qual é. Lembra igualmente a sensação de vazio, explicitada por Lasch (1983). Parece se associar com o fator de ‘sentimento de infelicidade, inadequação e ansiedade’, descrito por Mullins e Kopelman (1988).

O último fator – ‘ausência de projetos’ – é composto dos seguintes itens: ‘Não nutro esperanças de um tempo melhor no futuro. O presente é o que realmente importa.’ (0,79); e ‘Prefiro me relacionar bem com várias pessoas do que ter um relacionamento emocional profundo com alguém.’ (0,73). O conteúdo de seus itens parece se associar com uma certa superficialidade de relações e falta de projeto de vida, ou seja, a dificuldade de se relacionar profundamente com alguém e com o próprio desenvolvimento.

A presença do desejo de ‘aprisionar’ o tempo e de auto-suficiência – presentes em outros fatores descritos – talvez se unam neste.

Em síntese, o narcisismo avaliado por essa escala se expressa pela necessidade de prestígio, de autopreservação, pela superficialidade da vida (avaliada pelos fatores ‘imagem’ e ‘ausência de projetos’), pelo individualismo, e, ao mesmo tempo, pela sensação de inadequação. As feridas narcísicas descritas por Freud (1959) e enfatizadas por Costa (1984) seriam compensadas pela tentativa de se obter prestígio. O sofrimento seria iludido pela tentativa de auto-suficiência, controle do tempo e do corpo e pela superficialidade das relações com os outros e consigo próprio. Mas essas tentativas não evitariam o sentimento de inadequação.

Poder-se-ia pensar que os fatores das duas escalas fossem dependentes entre si, ou seja, que avaliassem a mesma variável. Para termos dados para responder a essa questão, fizemos uma análise fatorial em componentes principais com rotação Varimax, envolvendo os fatores das duas escalas, delimitando a extração a dois fatores. Os fatores da escala I agruparam-se no fator 1 e os da escala N, no fator 2, com exceção do sexto fator dessa última, que não obteve carga fatorial acima de 0,45 em nenhum dos dois fatores. Dessa forma, com alguma segurança, podemos afirmar que as duas escalas mensuram variáveis distintas.

2.3. Análise das Correlações entre as escalas I, N e F

Não apresentaremos, devido aos limites desta exposição, as correlações obtidas entre os fatores das escalas I e N, descritos anteriormente, mas destacamos que todos os fatores de cada uma das escalas correlacionaram-se significativamente ($p < 0.01$) com o total da outra escala, com exceção do fator ‘moralismo’ da escala I e o fator ‘inadequação’, da escala N; além disso, obtivemos correlações significantes, ao nível de 0.01, entre os escores de todos os fatores da escala I e da escala N com o escore da Escala F. A média dos escores dos sujeitos na escala F foi de 3,34, e o desvio padrão 0,92.

O coeficiente de correlação de Pearson encontrado entre os escores dos sujeitos nas escalas I e N foi igual a 0,47, significante ao nível de 0,01,

o que indica que quanto maior a adesão à ideologia da racionalidade tecnológica, maior o número de características narcisistas de personalidade e vice-versa. Quanto mais o indivíduo percebe o mundo como um sistema criado e mantido pela intervenção da técnica mais apresenta características narcisistas de personalidade, que revelam, entre outros significados, a necessidade de se tornar independente dos sofrimentos existentes.

Já o coeficiente de correlação de Pearson obtido entre os escores dos sujeitos na escala da ideologia da racionalidade tecnológica e na escala F foi igual a 0,62, significativa ao nível de 0,01, evidenciando que quanto maior é a adesão à ideologia da racionalidade tecnológica, maior é a tendência ao autoritarismo e vice-versa. Assim, não só os aspectos narcisistas de personalidade estariam associados à ideologia da racionalidade tecnológica, mas também os do sadomasoquismo. Por trás da aparência da neutralidade da técnica podem estar presentes desejos de destruição; a tecnologia permitiria a sua expressão e manifestação, o que pode ser entendido como uma forma sutil de violência, disfarçada até mesmo para o sujeito que a pratica.

Os escores dos sujeitos na escala F e na escala de características narcisistas de personalidade também se correlacionaram significativamente entre si, ao nível de 0,01; o coeficiente de correlação de Pearson obtido foi igual a 0,54. Isso indica que quanto maior o número de traços narcisistas, maior a tendência ao sadomasoquismo e vice-versa. O alheamento do mundo, presente no narcisista, tal como a neutralidade da técnica, não seria, necessariamente, desvinculado de impulsos sadomasoquistas. Deve-se lembrar que a descrição do tipo manipulador feita por Adorno et al. (1950) associa essa configuração autoritária com o narcisismo e que o NPI, desenvolvido por Raskin e Hall (1979), traz entre os seus fatores um que avalia a manipulação e exploração dos outros.

Como a magnitude da correlação entre a escala I e a escala N foi menor do que as encontradas entre cada uma dessas escalas com a escala F, a hipótese da existência de maior regressão psíquica e social atualmente do que na época do estudo da personalidade autoritária não se confirmou. Claro que essa hipótese não foi testada diretamente, pois para isso deveríamos ter aplicado também a escala de conservadorismo político-

econômico, desenvolvida por Adorno et al. (1950), contudo, a correlação obtida parece indicar que, se estamos nas últimas décadas estudando bastante o narcisismo, precisaríamos atentar mais para o sadomasoquismo, ou autoritarismo, avaliado pela escala F e, segundo os dados desta pesquisa, para a sua relação com a ideologia da racionalidade tecnológica. Como a correlação entre a escala I e a escala F foi maior do que a encontrada por Adorno et al. (1950) entre essa escala e a do conservadorismo político-econômico, podemos pressupor que a ideologia da racionalidade tecnológica se associa mais com tendências psíquicas regredidas do que a ideologia política conservadora. Mais do que isso, caberia pensar se ela não envolve aspectos que seriam comuns às ideologias políticas de direita e de esquerda, conforme postulamos no início deste trabalho, e por isso seria mais associada à tendência fascista de personalidade do que aquelas ideologias políticas. Em síntese, o apreço irrefletido pela tecnologia se vincula mais ao sadomasoquismo do que ao narcisismo, ainda que também se associe a esse último, esse apreço parece também estar mais relacionado com o que mede a escala F, do que com a ideologia política conservadora. Certamente, são necessários novos estudos para confirmar ou não os resultados obtidos nesta pesquisa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma de socialização contemporânea mediada pela formação predominantemente técnica, defendida pela necessidade de profissionais competentes para a solução de problemas imediatos, parece corresponder, em parte, à necessidade de vazão de desejos narcisistas e sadomasoquistas. O pragmatismo, o hiper-realismo, a visão normalizadora e naturalizadora de todas as esferas de vida parecem nos afastar, de um lado, da percepção das contradições sociais, de outro lado, da percepção dos conflitos individuais. Os sentimentos e o sofrimento do indivíduo, proporcionado pelas duras exigências sociais, são aparentemente negados sob a forma do narcisismo ou pela adesão à ideologia da racionalidade tecnológica. Mais do que isso, a neutralidade aparente de um e de outro parece estar permeada, por vezes, por impulsos destrutivos.

Tal como Freud (1986), Horkheimer e Adorno (1985) perceberam a dialética do desenvolvimento social. A tecnologia é fundamental para a emancipação da miséria humana, ela dá a base dessa emancipação; não obstante, na sociedade da autoconservação, ela favorece a regressão individual e social, por exigir sacrifícios individuais, que não são compensados socialmente. O sentido da vida é expropriado quando a vida é atrelada ao trabalho e a relações sociais e individuais, que servem à reprodução e manutenção da ordem social e à autoconservação individual. Certamente, a sociedade como organização entre os homens e para os homens, assim como a autoconservação, são fundamentais, mas se a vida individual se restringe a essa última, não nos afastamos muito da reprodução da vida dos outros animais. A sociedade, no estágio em que se encontra, deveria se voltar para a felicidade e liberdade individuais, exigindo menos sacrifícios dos indivíduos.

Poder-se-ia pensar que uma formação individual – não restrita à escola – que fosse um fim em si mesmo pudesse se contrapor à educação voltada imediatamente para o trabalho, e portanto para a técnica, mas, segundo Adorno (1972), ela é igualmente deformadora, pois quando a cultura se estabelece como um fim em si mesmo, o seu objetivo de resolver os problemas humanos e de criar uma sociedade verdadeiramente humana é ocultado. Esse autor não deixou de mencionar que durante o fascismo alemão, pessoas cultas defenderam a violência praticada. Não se deve, também, abandonar a educação associada à técnica, pois ela é importante para mitigar o sofrimento humano. Ao que parece, seria desejável uma educação que pudesse pensar a tecnologia e seu desenvolvimento tendo como fim a pacificação entre os homens e não o progresso como um fim em si mesmo ou a adaptação imediata ao mercado de trabalho.

Claro, os dados obtidos nesta pesquisa indicam que a adesão à ideologia da racionalidade tecnológica não é plena, que os escores obtidos nas escalas N e F não são elevados, contudo, devemos lembrar que os sujeitos pesquisados são estudantes universitários e que é provável que os escores obtidos com sujeitos menos escolarizados e de menos posses sejam maiores, tal como aconteceu com os escores da escala F na pesquisa de Adorno et al. (1950). De qualquer forma,

são necessárias novas pesquisas com maior número de sujeitos e com características distintas daqueles que participaram deste estudo, e o aperfeiçoamento de alguns fatores da escala I para que sejam mais precisos, para que os resultados desta pesquisa possam ser confirmados e se possa ter idéia da extensão do problema aqui discutido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adorno, T. W. (1969). Opinión, Locura, Sociedad. In T. W. Adorno, *Intervenciones* (pp. 137-160). Caracas: Monte Ávila ed..
- Adorno, T. W. (1972). Teoría de la pseudocultura. In T. W. Adorno, *Filosofía y superstición* (pp. 141-174). Madrid: Alianza Editorial.
- Adorno, T. W. (1986). Capitalismo tardio ou sociedade industrial? In T. W. Adorno, *Sociologia* (pp. 62-75). São Paulo: Ática.
- Adorno, T. W. (1991). De la relación entre sociología y psicología. In T. W. Adorno, *Actualidad de la filosofía* (pp. 135-204). Barcelona: Ediciones Paidós.
- Adorno, T. W. (1995a). Educação após Auschwitz. In T. W. Adorno, *Palavras e sinais* (pp. 104-123). Petrópolis: Vozes.
- Adorno, T. W. (1995b). Sobre sujeito e objeto. In T. W. Adorno, *Palavras e sinais* (pp. 181-201). Petrópolis: Vozes.
- Adorno, T. W. (1995c). Notas marginais sobre teoria e práxis. In T. W. Adorno, *Palavras e sinais* (pp. 202-229). Petrópolis: Vozes.
- Adorno, T. W., Frenkel-Brunswick, E., Levison, D. J., & Sanford, R. N. (1950). *The authoritarian personality*. Nova Iorque: Harper and Row.
- Carone, I. (s.d.). *Teoria crítica e psicologia social*. São Paulo: EDUC.
- Costa, J. F. (1984). *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal.
- Freud, S. (1943). *La moral sexual «cultural» y la nerviosidad moderna*. Buenos Aires: Editorial Americana.
- Freud, S. (1959). Introdução ao narcisismo. In *Obras Completas de Freud*, Vol VII. Rio de Janeiro: Delta.
- Freud, S. (1973). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1974a). Luto e melancolia. In *Obras Completas de Freud*, Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1974b). Tipos libidinais. In *Obras Completas de Freud*, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1986). El malestar en la cultura. In N. A. Braustein (org.), *A medio siglo de el malestar en la cultura de Sigmund Freud*. México: Siglo Veintiuno.

Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.

Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (1995). *Multivariate data analysis*. 4.^a ed. New Jersey: Prentice-Hall.

Habermas, J. (1983). Técnica e ciência enquanto ideologia. In *Textos escolhidos. Benjamin, Horkheimer, Adorno, Habermas* (pp. 313-343). 2.^a ed. São Paulo: Abril Cultural.

Horkheimer, M. (1976). *A eclipse da razão*. Rio de Janeiro: Editorial Labor.

Horkheimer, M., & Adorno, T. W. (1978). *Temas básicos de sociologia*. São Paulo: Editora Cultrix.

Horkheimer, M., & Adorno, T. W. (1985). *Dialética do esclarecimento*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.

Marcuse, H. (1981). *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar.

Marcuse, H. (1982). *A ideologia da sociedade industrial*. 6.^a ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Marx, K. (1978). *Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural.

Marx, K. (1984). *O Capital: Crítica da economia política*. Livro I, volume 1. São Paulo: Difel.

Mullins, L. S., & Kopelman, R. E. (1988). Toward an assessment of the construct validity of four measures of narcissism. *Journal of Personality Assessment*, 52 (4), 610-625.

Pettigrew, T. F. (1999). A sistematização dos preditores do racismo: uma perspectiva empírica. In J. Vala (org.), *Novos racismos: perspectivas comparativas* (pp. 79-101). Oeiras: Celta Editora.

Raskin, R., & Hall, C. S. (1979). A narcissistic personality inventory. *Psychological Reports*, 45, 590.

Raskin, R., & Terry, H. (1988). A principal-components analysis of the narcissistic personality inventory and further evidence of its construct validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54 (5), 890-902.

Reich, W. (1981). *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Zahar.

Rofé, Y., & Weller, L. (1981). Attitudes toward the enemy as a function of level of threat. *British Journal of Social Psychology*, 20, 217-218.

Rouanet, S. P. (1989). *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Stankov, L. (1997). Some experience with the F scale in Yugoslavia. *British Journal of Society Clinical Psychology*, 16, 111-121.

Vagostello, L. (1997). *A ideologia involuntariamente sincera: uma análise da literatura científica inspirada em A Personalidade Autoritária nos últimos 16 anos (1980-1996)*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da USP.

Vala, J., Brito, R., & Lopes, D. (1999). *Expressões dos racismos em Portugal*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Watson, P. J., & Biderman, M. D. (1993). Narcissistic personality inventory factors, splitting, and self-consciousness. *Journal of Personality Assessment*, 61 (1), 41-57.

RESUMO

A pesquisa relatada neste artigo teve como objetivo verificar a existência da relação entre a ideologia da racionalidade tecnológica e características narcisistas de personalidade. Esse tipo de ideologia e esse tipo de personalidade foram considerados como substitutos parciais das ideologias e configurações psíquicas analisadas no estudo de Adorno et al. sobre a personalidade autoritária. Foram construídas 2 escalas com itens tipo Likert – a escala da ideologia da racionalidade tecnológica e a escala de características narcisistas de personalidade –, que foram aplicadas em conjunto com a escala F a 162 alunos da Universidade de São Paulo. As duas escalas construídas foram submetidas a análises fatoriais em componentes principais, com rotação Varimax; a escala da ideologia da racionalidade tecnológica mostrou ser constituída por 5 fatores e a outra escala, por 6 fatores. Encontramos correlações significantes entre as três escalas aplicadas. Concluímos que a defesa de uma visão técnica, sistemática, normatizadora da sociedade e dos indivíduos é permeada e fortalece as características narcisistas e sadomasoquistas da personalidade.

Palavras-chave: Narcisismo, ideologia da racionalidade tecnológica, personalidade autoritária.

ABSTRACT

The aim of this study was to verify existing relationship between the ideology of technological rationality and narcissistic traits of personality. Those types of ideology and personality were considered partial substitutes to those studied by Adorno et al. about authoritarian personality. Two scales were constructed – one for each variable – and were applied together with the scale F. A hundred and sixty two undergraduates from São Paulo University participated as subjects. The two scales constructed were submitted to principal-components, with Varimax rotation. The first scale, the ideology of technological rationality produced five factors and the other six factors. Significant correlations were found between the three scales. We concluded that a technological, systematic, nominalized view of society and individual is affected by and strengthens the narcissistic and sadomasochist traits of personality.

Key words: Narcissistic personality, ideology of technological rationality, authoritarian personality.